



## O nacionalismo de exclusão

*ação concertada 2015 da rede Justiça e Paz Europa  
sobre o crescimento do racismo e da xenofobia na Europa*

Através do continente Europeu, as eleições a nível regional, nacional e europeu têm revelado uma nova ascensão de partidos que defendem a supremacia dos interesses nacionais sobre valores humanos universais, bem como sobre os compromissos e obrigações internacionais. Como fenómeno transeuropeu que é, este é um assunto de grande inquietação. Reflete muito mais do que uma reação incompreensível para o facto óbvio de que, de tempos a tempos, as instituições políticas europeias ou nacionais não funcionam bem. Por isso, nós, a Conferência das 31 Comissões Europeias Justiça e Paz, pedimos a todos os líderes políticos e à sociedade civil em geral para nos unirmos na preparação de uma resposta firme ao aumento do crescente racismo e xenofobia na Europa, a fim de garantir o respeito pelos direitos de cada indivíduo e de buscar a unidade na diversidade como a base para uma sociedade rica e verdadeiramente humana. Como cristãos devemos empenhar-nos “para ter parte ativa na vida pública, e para trabalhar para o benefício de toda a raça humana, bem como para com as [nossas] próprias comunidades políticas”<sup>1</sup>.

1) O nacionalismo tem diferentes significados nas diferentes regiões da Europa. Por exemplo, alguns partidos políticos com um programa nacionalista pedem mais autonomia ou um estado específico para a sua nação ou grupo étnico dentro de um Estado Europeu existente. Este é um objectivo político legítimo e não pode ser condenado, desde que seja procurado por meios democráticos e não-violentos, e expresso com respeito para com o "Outro" no seio da sociedade. Também não se pode justificar qualquer forma de discurso de ódio.

2) A doutrina social da Igreja afirma que todos os seres humanos são iguais, mas também afirma que nações, culturas e minorias dentro de Estados nacionais existentes têm direitos e devem ser respeitados. Portanto, nada pode ser dito contra uma forte ligação com o seu local de nascimento, contra amar a língua materna, ou contra a participação na cultura de uma nação. Esta última não é – como todos sabemos – imutável, mas está em constante mudança e todos nós somos atores na vivência dessa mudança. No entanto, muitas vezes temos boas razões para estar

---

<sup>1</sup> Papa João XXIII, Carta Encíclica *Pacem in Terris*, 146



orgulhosos da nossa família ou comunidade local. Também temos bons argumentos para estarmos ligados ao nosso país e poderíamos estar mais orgulhosos dos feitos da União Europeia ou do grupo de nações reunidos no Conselho da Europa.

3) O que nos preocupa é uma tendência crescente de procura de popularidade e poder através de programas políticos simplistas e slogans com base na ideia de que a prosperidade e segurança só podem ser alcançadas através de medidas nacionais unilaterais, se necessário, em detrimento de outros povos. Estes slogans aparecem regularmente nos principais meios de comunicação social e são, assim, amplificados e orientam a agenda política de um país no sentido nacionalista. Muitas vezes, os partidos racistas ou xenófobos fazem-nos recordar, inevitavelmente, a política beligerante e ultra-nacionalista que precedeu as duas Guerras Mundiais. Ao sugerir que a nação, nacionalidade e seus mitos fundadores subjacentes são uma resposta apropriada aos nossos desafios contemporâneos, estes partidos e seus defensores referem-se a um paradigma de exclusão que irá piorar a situação, em vez de resolver qualquer problema.

4) O "nacionalismo de exclusão" – como sugerimos nomeá-lo – é contrário ao valor da dignidade humana. Nega a justiça, pois define os direitos fundamentais com base na origem nacional, racial ou religiosa, e representa uma ameaça para a coesão social a nível local e para a paz entre os países Europeus. O respeito pela dignidade humana de cada pessoa flui directamente da nossa crença em Cristo ressuscitado e na criação do homem e da mulher à Sua imagem. 'Justiça e Paz' é o nosso nome. Portanto, comprometemo-nos a opor-nos ao nacionalismo de exclusão com forte determinação.

5) Procurar uma solução única e simples para as realidades complexas da vida é uma reacção humana inata. Ao brincar com os medos mais profundos das populações, os políticos nacionalistas populistas procuram obter poder através da oferta de soluções simples, ignorando que as soluções baseadas na injustiça ou a marginalização de uma parte de uma sociedade nunca poderão levar a uma comunidade pacífica e progressista. Não há respostas rápidas e fáceis para os desafios profundos decorrentes da diversidade das sociedades e de uma economia globalizada.

6) A questão da migração é um exemplo muito pertinente que ilustra uma tendência para ignorar a realidade. A migração é o fundamento da existência da humanidade. Às causas históricas da migração, como as pressões demográficas e conflitos político/religioso, devemos agora acrescentar as mudanças climáticas. Estas pressões continuarão e, em algumas circunstâncias, irão aumentar. Além disso, as



sociedades envelhecidas da Europa enfrentam uma crescente escassez de mão-de-obra. Ignorar esta realidade e procurar deter o fluxo de migrantes através do encerramento total das fronteiras é tanto irreal como desumano. Devem procurar-se outras soluções a nível Europeu e internacional. Compartilhando a responsabilidade de acolher refugiados em dificuldades a nível europeu; contribuindo, no quadro do direito internacional, para a resolução pacífica de conflitos e reconstrução de estados em crise; reforço da ajuda de desenvolvimento de modo a permitir às populações a opção de permanecerem ou regressarem ao seu país de origem; integração dos estrangeiros nas nossas comunidades – esta, apesar de ser mais complicada, é a única opção humana e praticável. É necessário salientar também que, sem a migração os Europeus não serão capazes de manter um elevado nível de assistência social para os doentes e os idosos, e para outros serviços sociais.

7) Outro exemplo é a União Europeia. No discurso dos partidos nacionalistas a União Europeia é responsabilizada pela actual crise económica, desigualdade social e desemprego. Eles, portanto, avançam frequentemente a tese de que a saída da União Europeia seria a melhor solução. Tornam-se, no entanto, muito menos explícitos quando lhes é pedido para explicar como vêem o futuro do seu país dentro da actual cadeia económica de produção, distribuição e consumo. Esta cadeia tornou-se definitiva e irreversivelmente global. Sem dúvida, a União Europeia não é perfeita, mas continua a ser um instrumento para manter a paz e resolver os conflitos no nosso continente. Não nos esqueçamos também de que os povos de outras partes do mundo continuam a expressar a sua admiração pelo grau de cooperação alcançado entre os Estados Europeus. Atacar a União Europeia ou outros países tem de ser reconhecido pelo que é – uma cortina de fumo.

8) Como combater o nacionalismo de exclusão? A resposta implica-nos a todos e está relacionada com os nossos valores comuns Europeus, destacando-se o respeito pela dignidade humana. Estes valores são a nossa força, não a dos populistas. Num enquadramento da história contrária aos factos, observamos a realidade. Vamos reconhecer os medos prevaletentes hoje na Europa e admitir as nossas próprias incertezas, mas vamos levar a sério as lições que podemos aprender com a história: a guerra entre as nações é o pior que pode acontecer. A violência racista e xenófoba em palavras ou acções é inaceitável do ponto de vista moral e legal. Deve ser condenada e punida. A partir de um profundo amor pelos nossos valores comuns conseguimos ganhar coragem, coragem para resistir a discursos incriminatórios e falsos, e coragem para nos erguermos em público contra deturpações exageradas.



Para os cristãos, a nação não pode ser um valor supremo e os sentimentos de supremacia nacional são injustificados. A visão cristã da justiça universal e da paz não permite qualquer tipo de chauvinismo. Apela para a solidariedade e o respeito por todos. Um interesse nacional genuíno é mais bem promovido numa perspectiva mais ampla do bem comum universal.

Recomendamos, portanto, a todos aqueles que detêm responsabilidades políticas:

- A elaboração de políticas económicas e sociais que permitam que as pessoas encontrem um trabalho com significado e que assumam as suas responsabilidades e das suas famílias, e que lhes proporcionem um apoio eficaz quando confrontados com os riscos inevitáveis e diversos ao longo da vida.
- Desenvolver uma política Europeia de migração coerente, incluindo uma partilha efetiva das responsabilidades e medidas destinadas a combater todas as formas de migração forçada.
- Renovar o seu compromisso com a integração Europeia, fazendo uma avaliação positiva e crítica construtiva, e resistir a qualquer tentação de transformar a União Europeia em bode expiatório dos problemas gerados internamente.

Pedimos a todos os cidadãos europeus, às organizações da sociedade civil e às Igrejas:

- Para discutir o valor de uma forte identidade como base para uma sociedade inclusiva com forte coesão social;
- Para se opor e questionar todas as expressões da retórica nacionalista na vida pública e privada;
- Para aprofundar a democracia, a solidariedade e o respeito pela dignidade humana através da educação e do exemplo;
- Para valorizar a dignidade humana como uma parte essencial do nosso património Europeu comum.

Quaresma de 2015  
Conferência Europeia das Comissões Justiça e Paz  
<http://www.juspax-eu.org/>